

F. SAGER

A ABORDAGEM SUÍÇA DO PROBLEMA

Informar-vos sobre a defesa civil na Suíça pode ter aqui interesse por duas razões principais:

- O modelo suíço de defesa civil diz respeito à protecção da população de um país densamente povoado, situado na Europa Central, e com numerosas cidades.
- o modelo suíço não existe apenas no papel, foi parcialmente posto em prática.

Infelizmente, o tempo é demasiado curto para tratar deste assunto, relativamente complexo, em grande detalhe. Peço, portanto, desculpa por muitas simplificações na minha comunicação.

Antes de entrar verdadeiramente na exposição do tema, gostaria de vos dar algumas informações acerca das condições psicológicas particulares existentes na Suíça.

Os problemas de defesa são sempre discutidos abertamente por toda a população. A experiência histórica deu à população a convicção de que a discussão é útil. Quase todos os homens cumprem serviço uma vez no nosso exército miliciano e estão, portanto, familiarizados com os problemas de defesa.

Nos últimos 50 anos, cresceu no nosso país a ideia de que uma defesa activa não é suficiente por si. Os efeitos das armas põem cada vez mais em perigo o **hinterland** e a população civil. Esta corre ainda mais perigo que o exército. Quanto mais o tempo passa, mais nos convencemos de que exército e defesa civil devem marchar lado a lado. Mantenham presente, por favor, esta mentalidade básica durante a minha explicação posterior.

Gostaria agora de vos dar:

- uma pequena resenha sobre o desenvolvimento da defesa civil na Suíça;
- alguns tópicos acerca da origem, conteúdo e possibilidades da nossa actual base constitucional e legal;
- uma ideia sobre a origem e os principais aspectos do nosso conceito de defesa civil;
- finalmente, a descrição de uma cidade suíça protegida.

Recuemos até ao princípio dos anos '50, ou seja, para os anos de 1950-51. Perante o impacto da Guerra da Coreia, o governo e o parlamento tomaram então uma importante decisão: construção de abrigos em todas as comunidades com mais de mil habitantes, quer dizer, a lei tornou compulsiva a construção de abrigos em todos os novos edifícios. A este respeito, dois factos são importantes:

- foram tomadas primeiro medidas estruturais concretas;
- o governo pagou subsídios consideráveis para a construção desses abrigos.

O conceito das nossas primeiras medidas de protecção era muito simples, não tendo sido considerado o perigo nuclear. Os abrigos tinham que proteger contra o choque de armas convencionais, estilhaços e desmoronamento, sendo semelhantes aos abrigos da Segunda Guerra Mundial. Havia, contudo, uma diferença fundamental: os abrigos estavam situados sob modernos edifícios, quase todos subterrâneos. Todos estes edifícios tinham tectos de betão reforçado, com uma espessura de 10 a 15 cm, e paredes exteriores maciças. Habitualmente, situavam-se em subúrbios modernos, com grandes intervalos.

No final dos anos '50, a nossa filosofia de protecção foi abalada pelo conhecimento de que ambos os campos, Este e Oeste, tinham armas nucleares. O possível uso dessas armas para a destruição massiva tinha de ser tomado em consideração realisticamente.

Em 1962 — e permitam-me recordar a crise cubana de Outubro de 1962 — a defesa civil foi formalmente consagrada na nossa constituição. Declarou-se que a protecção da população civil faz parte da defesa nacional. Nesta base, foram aprovadas novas leis que constituem os fundamentos da nossa defesa civil até à actualidade:

- Manteve-se a construção de abrigos em todos os nossos edifícios, casas privadas, fábricas, escolas, etc. Os subsídios estatais aumentaram, prevendo-se correctamente que os abrigos se tornariam mais complicados com vista aos efeitos das armas nucleares;
- As autarquias têm de construir abrigos públicos onde quer que não possam ser feitos abrigos privados. Também estes abrigos são subsidiados pelo Governo.

Assim, criámos uma base para garantir um lugar num abrigo para cada habitante, na sua casa ou nas vizinhanças. Através deste

sistema, excluiu-se o princípio da evacuação das cidades. No entanto, as leis não se ficaram por aí:

- o serviço de defesa civil para cada homem, entre os 20 e 60 anos, que não esteja ou já não esteja alistado nas forças armadas, foi tornado obrigatório;
- as comunidades foram declaradas principais suportes da defesa civil. Cada uma tem que formar uma organização de DC, constituída por todos os homens a cumprir o serviço DC. Cada organização comunal de DC tem de instituir uma protecção estrutural especial: postos de comando e médicos protegidos, etc.

Continuava, entretanto, a faltar um elemento muito importante: uma concepção ampla que explicasse e decidisse de que modo os novos instrumentos legais deveriam ser formulados e utilizados.

Por outras palavras:

- que «peso» deve ter o sector estrutural de protecção?
- quais são as principais tarefas a preencher pela organização de defesa civil de uma comunidade ou cidade?

Estes problemas são igualmente importantes à luz dos nossos debates. Por esse motivo, explicá-los-ei mais em detalhe. Actuámos da seguinte forma:

Todos os possíveis cenários de guerra foram projectados em todas as áreas povoadas típicas do país, prevendo-se todo o tipo de ataques nucleares, armas convencionais modernas e guerra química. Em todos estes cenários, variaram os parâmetros de protecção. Por exemplo:

- população completamente desprotegida sem organização de defesa civil;
- população parcialmente protegida nas suas próprias casas, dispondo de uma organização de DC;
- população em abrigos de diferentes graus de protecção e com diferentes tipos de organização.

Fizemos, para todas estas situações, estimativas de perdas (mortos e feridos). Comparámos as baixas no caso de não haver quaisquer medidas de protecção com as baixas em diferentes tipos de medidas de protecção. O nosso objectivo era encontrar o sistema com a máxima redução de perdas e o mínimo de gastos, isto é, a optimização de todo o sistema de protecção.

Os resultados são evidentes e claros, e, apesar de adaptados à Suíça e às suas condições típicas, podem ser parcialmente projectados para outros países europeus. Representam as traves-mestras

e as prioridades que determinam hoje a defesa civil suíça, em especial nas cidades. Mencionarei apenas as mais importantes:

- O resultado, que é, na nossa opinião, válido em todo o lado, mostra claramente que só abrigos para toda a população podem diminuir as perdas até um nível tolerável. A protecção preventiva de toda a população em abrigos é muito mais efectiva do que qualquer esforço posterior de salvamento e tratamento;
- O efeito de protecção, ou, como nós lhe chamamos, o grau da protecção de um abrigo, pode ser escolhido de diferentes maneiras. Abrigos caseiros nas caves de edificios modernos representam, sem dúvida, uma solução óptima, desde que preencham os seguintes requisitos técnicos:
 - as paredes do abrigo têm de ser suficientemente fortes e sólidas para resistirem à sobrepressão dinâmica de uma arma nuclear à distância de 1 bar;
 - as paredes de um tal abrigo têm também de ser suficientemente sólidas para diminuírem a principal radiação gama e neutrónica à distância de 1 bar até um valor total absorvido não superior a 100 rem. Ambos os requisitos podem ser preenchidos por uma cave normal de um edificio moderno;
 - o abrigo tem de ser equipado com ventilação de modo a que seja possível uma permanência durante uma ou duas semanas devido a radioactividade ou gás.
 - Este sistema de protecção só funciona completamente, no entanto, se houver uma efectiva organização dirigente, completada por elementos de serviço médico e de salvamento. Deste modo, é da maior importância que os ocupantes dos abrigos sejam directamente levados para e tratados nos abrigos;
 - outro elemento absolutamente necessário é fornecer desde já uma informação frequente e correcta de toda a população sobre os seguintes assuntos:
 - o tipo de riscos;
 - os efeitos potenciais das armas e a sua importância;
 - as medidas de protecção possíveis e a sua utilidade;
 - as etapas de protecção já tomadas ou em preparação.

Permitam-me que vos diga, para finalizar, como ficará uma cidade suíça média, de acordo com os princípios mencionados e as nossas possibilidades legais no que respeita à sua situação de defesa civil. Ao mesmo tempo, gostaria de acentuar que este objectivo ainda não foi conseguido em todo o país. O mais importante é ver correctamente as prioridades:

- primeiro, a construção de abrigos. Tempo perdido neste sector jamais poderá ser recuperado;
- segundo, a construção sucessiva e aperfeiçoamento de uma efectiva organização de quadros.

Tomemos como exemplo uma cidade modelo de 100 a 200 mil habitantes. Regra geral, terá um centro histórico rodeado por áreas com edifícios antigos datando do século XIX e dos inícios do século XX. Hoje em dia, em ambas as áreas há poucos apartamentos e muitos escritórios e lojas. Adjacentes a este grupo, ficam os bairros residenciais, constituídos especialmente por casas de habitação construídas nos anos do pós-guerra. Estes edifícios são quase todos bastante maciços e têm amplos intervalos entre si.

- A nossa cidade dispõe de abrigos modernos em número suficiente onde todos os habitantes podem encontrar um lugar.

Cerca de 80 % de toda a população tem um lugar no seu próprio abrigo caseiro. Deste modo, a ocupação do abrigo reduz-se ao mais curto caminho de acesso e é possível o uso óptimo da infra-estrutura da casa pelos habitantes da mesma.

Cerca de 20 % da população ocupa abrigos públicos que na maior parte dos casos se situam em garagens de automóveis subterrâneas. Em média, a distância entre a casa e o parque não excede 1 km.

- Todos os habitantes da cidade sabem onde se situa o seu abrigo.
- Cada abrigo tem um chefe capaz e treinado que conhece os efeitos mais importantes das armas e tudo o que se refere ao equipamento do seu abrigo e está igualmente treinado no tratamento das pessoas e na sua condução. Em caso de ocupação, todos os abrigos são providos de reservas de água para 5 ou 6 dias, isto é, cerca de 4 litros por pessoa por dia, retretes químicas e ainda comida apropriada para ser utilizada fria.
- A cidade dispõe de um posto de comando central de protecção e — de acordo com o seu tamanho — de vários postos de comando mais pequenos nos bairros. Esses postos de comando têm um grau de protecção de 3 bar. São equipados com o seu próprio gerador diesel de emergência e reservas de água e de comida de modo a funcionarem independentemente do exterior durante pelo menos 2 semanas. Estão ligados por uma rede de rádio EMP especial protegido com a sua direcção superior e entre si, mas também com os abrigos da população.

- Esses postos de comando são ocupados por pessoal capaz e bem treinado, cuas principais tarefas são:
- apreciação constante da ameaça potencial e da situação dos estragos de toda a área municipal (radiação, contaminação, desmoronamentos, fogos, etc.);
- contacto permanente com os chefes de abrigo nos abrigos da população e instruções sobre o comportamento e atitudes;
- planeamento de salvação, acções de desradiação e descontaminação; coordenação do serviço médico.
- A cidade dispõe de várias unidades especiais treinadas e equipadas com material especial adaptado. Tais unidades, em conjunto com o seu material, são instaladas em abrigos especiais, os quais devem situar-se nos pontos focais das áreas de abrigo.
- A cidade dispõe igualmente de uma rede de postos médicos ou de primeiros socorros protegidos, um por cada cinco mil habitantes, dispersos por toda a área urbana. Estes postos são chefiados por um médico (melhor solução: pelo clínico geral da área urbana considerada). Substituem as práticas médicas normais.

Além disso, a cidade dispõe de postos de primeiros socorros protegidos, um por cada 20 mil habitantes, contendo 130 a 150 camas. Também estes postos se dispersam por toda a área urbana e têm um grau de protecção de 3 bar. Têm os seus próprios geradores **diesel** de emergência e abastecimento de água e comida, sendo equipados para levarem a cabo uma cirurgia não muito complicada e dirigidos por vários médicos e pessoal especializado.

Poderia ainda falar da importância dos hospitais neste sistema. No entanto, receio que isso ultrapassaria o meu tempo. Sublinharia ainda mais uma vez que o sistema que vos descrevi só funcionará se tiver sido desenvolvido e posto de pé pela sequência de prioridades mencionada. Isto significa que as medidas que mencionei ao princípio — abrigos para a população e postos de comando com um pessoal capacitado — são as mais efectivas. Isto é a profilaxia.

Todas as outras medidas são decerto, na nossa opinião, úteis e desejáveis, mas, no âmbito de um cenário de guerra nuclear, nunca darão um contributo decisivo. O mesmo se pode dizer para outros tipos de perigos e ameaças por armas convencionais, especialmente no caso das modernas armas químicas.

Com estas notas finais, cheguei ao fim da minha comunicação. Espero ter-vos dado um quadro suficientemente claro do modo como nós, na Suíça, encaramos uma defesa civil moderna, e em especial uma protecção efectiva das nossas cidades.